

DO PLANTIO DE SEMENTES À COLHEITA DE RECORDAÇÕES

FROM SEED PLANTING TO MEMORY HARVESTING

Maria de Fátima Rocha Medina ¹
Valquíria de Lima Maranhão ²

Resumo: Os moradores do reassentamento Flor da Serra que viviam e trabalhavam às margens do rio Tocantins com o qual possuíam fortes vínculos (BATISTA, 2009). Para eles, cada época de plantio e de colheita de frutos era motivo de encontro, alegria e festa com parentes e amigos enquanto constituíam suas referências identitárias. Até que a usina hidrelétrica de Lajeado, no Tocantins, “afogou” a terra e mergulhou a vida deles em tristeza, frustração e incertezas. Mas as experiências de plantar, cultivar e colher, no passado, têm se transformado em memória e recordações nas narrativas orais marcadas por poeticidade. Isso permite atualizar histórias, espaços, afetos, testemunhos, palavras e fatos representativos, ou seja, toda a riqueza cultural que precisa ser revigorada para não desaparecer, conforme teorizam Zumthor (2014; 2010); Bakhtin (2004; 2003); Assmann (2011); Benjamin (2012). O objetivo deste trabalho é refletir como as experiências, narradas oralmente por reassentados do Flor da Serra, até o momento, têm se tornado uma sementeira de recordações. Metodologicamente, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e observações da vida real. O repertório marcado por subjetividade e poeticidade revela pessoas que, desalentadas por terem sido deslocadas da terra de origem, encontram na narrativa uma maneira de fazer a travessia entre presente e passado, entre as experiências pessoais e coletivas para encararem os desafios atuais.

Palavras-chave: Terra. Reassentados. Memória. Narrativas.

Abstract: The residents of the Flor da Serra resettlement who lived and worked on the banks of the Tocantins River with which they had strong ties (Batista, 2009). For them, each time of planting and harvesting was a reason for meeting, joy and celebration with relatives and friends as they constituted their identity references. Until the Lajeado hydropower plant in Tocantins “drowned” the earth and plunged their lives into sadness, frustration and uncertainty. But past planting and harvesting experiences have been transformed into remembrance and memories as they theorize Bakhtin (2004; 2003); Assmann (2011); Zumthor (2014; 2010) and Benjamin (2012) through oral narratives marked by poeticity. This allows us to update stories, spaces, affections, testimonies, words and representative facts, that is, all the cultural richness that needs to be reinvigorated in order not to disappear. This paper aims to reflect on how work experiences, narrated orally by informants, have so far become a seedbed for memories of the displaced. Methodologically, we used semi-structured interviews and observations to address displaced people. The repertoire marked by subjectivity and poeticity reveals people who, discouraged because they have been displaced from their homeland, find in the narrative a way to make the crossing between present and past, between personal and collective experiences to face current challenges.

Keywords: Earth. Resettled. Memory. Narratives.

Doutora em Letras pela Unileón/UFPE. Atualmente, é professora ¹
vinculada à Proex/Unitins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1294258849923019>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6858-272X>. E-mail: maria.fm@unitins.br

Especialista em Docência do Ensino Superior (ITOP) e Mestranda em ²
Literatura (PPG-Letras/UFT). Atualmente, é professora na Fasesec. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1019352597558187> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4416-4122>. E-mail: valquiriamaranhao1@gmail.com

Introdução

“A água tomou conta do mundo todo. Aí, agora, tem que viver no Cerrado feito seriema”. (Soares, 2018)

Inúmeras famílias do reassentamento Flor da Serra, antes do deslocamento, viviam na zona rural, onde plantavam roças a partir de conhecimento agrícola tradicional cujo objetivo era atender às necessidades próprias e comercializar o pouco excedente. Além disso, faziam festas tradicionais, visitavam os amigos próximos e conheciam muito bem o lugar. Mas foram obrigadas a sair da terra de origem para a construção da usina hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, no rio Tocantins. Foi uma árdua travessia sair do local onde estavam enraizados os costumes, as crenças e as experiências de muitos anos para uma nova terra. Neste trabalho são enfocadas as manifestações dos deslocados em relação ao plantio de sementes, pelos membros familiares na terra de origem, sinônimo de fartura e de constituição identitária cultural. No reassentamento, porém, a falta de abundância de água / vazante fértil, alterou de maneira significativa o curso de vida de várias famílias. E, após mais de duas décadas vivendo no Flor da Serra para onde foram reterritorializados, os moradores-intérpretes, para entendimento do passado e vivência no presente, colhem recordações das práticas e saberes culturais de outrora. Este texto possui breve introdução, alguns apontamentos teóricos sobre narrativas e recordações, além da apresentação de algumas vozes de moradores/intérpretes e considerações finais.

A narração se constitui com redes de memória

Benjamin em *O narrador* preocupou-se com a possível extinção do ato de narrar e dos próprios narradores. O autor apontou a pobreza de experiências como fenômeno causador desse mal, já que “o narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, (2012, p.217).

A preocupação do autor também estava relacionada à modernidade capitalista e a guerra que haviam destruído a possibilidade de as pessoas socializarem suas narrativas de maneira oral, coletiva e pedagógica. Além disso, elas perderam o contato com a sabedoria do narrador que sabia aconselhar e transmitir histórias que passavam de pai para filho até no leito de morte. Ou seja, Benjamin sabia que, ao deixar de narrar, de continuar o processo de formação a partir da memória das experiências, as pessoas deixariam de atualizar o passado, tão importante para a compreensão do presente e da preservação de saberes.

O narrador, segundo Benjamin, tinha como matéria-prima a própria vida, numa época em que as narrativas eram tecidas no ritmo do trabalho artesanal, ao sabor do encontro entre pessoas que tinham tempo para ouvir e narrar enquanto trabalhavam. No ambiente coletivo cujo tempo era marcado pela tessitura de artefatos ou serviços, e não pelo relógio, as narrativas causavam estranhamento poético e reflexão. E, ao ultrapassar o caráter individual, prático e utilitário, não havia preocupação com a veracidade do que era narrado. Cheios de sabedoria, os narradores mais velhos constituíam os conselheiros dos demais, inclusive no momento da morte, quando o moribundo passava a responsabilidade de narrar a alguém do grupo a fim de que o fio de narrativas e relações prosseguisse crescendo e se espalhando.

Ao extrair histórias de experiências próprias ou de seus pares, em situação coletiva, o narrador recordava a tradição, atualizando-a e tecendo-a como uma rede de memória que se ampliava cada vez que era transmitida nova narrativa. Para Benjamin (2012, p.228), “a rememoração funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração”. Então, o ato de narrar, com regularidade, estaria indissociado da transmissão que garantia a continuidade das narrativas e da amplificação da rede. Os envolvidos eram, reciprocamente, narradores e ouvintes, o que tornava as histórias sem autoria e ao alcance de todos. Eles guardavam as narrações na memória. ou recordação, segundo Assmann (2011) e, pela atualização frequente, não as esqueciam. Assim, o processo narrativo contínuo e espontâneo envolvia

determinada comunidade em uma grande teia de histórias onde os narradores mais novos se formavam com os mais velhos. “Quando o ritmo do trabalho se apodera dele (o ouvinte), ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo” (BENJAMIN, 2012, p. 221).

É verdade que na época de caos bélico, a tendência do autor alemão foi idealizar o passado. Para Benjamin, antes dos horrores da guerra, havia dois grupos de narradores como tipos fundamentais: aquele que, como o marinheiro negociante, aprendia nas viagens; e o agricultor sedentário que conhecia profundamente as tradições culturais próprias a partir das vivências pessoais sem nunca ter saído do lugar. A convivência entre os dois, ou seja, a mistura entre as novidades trazidas de longe pelo marinheiro e as tradições locais compartilhadas pelo artesão ou agricultor constituíam o repertório poético-oral da arte de narrar. As narrativas se misturavam e se entrecruzavam cujo alcance imaginário e memorialístico iam além da realidade local.

Mas o ambiente propiciador do encontro entre o marinheiro e o artesão/camponês sofreu rupturas pela conturbação moderna, segundo o autor. O tempo marcado minuto a minuto pelo relógio não permitiria, por exemplo, que operários – cansados - ouvissem e socializassem suas narrativas, mesmo que eles fossem ex-camponeses saídos do campo para a cidade. Inclusive porque o serviço na fábrica, repetitivo, homogêneo e sem criatividade, atrofiava a memória e a possibilidade de experiência individual. O esquecimento era inevitável em meio aos ruídos citadinos. “É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 2012, p. 213).

Nessa realidade, marcada pelas novidades urbanas, a narrativa tradicional teria sido sufocada pelas excessivas informações transitórias e pragmáticas das notícias, após surgirem os primeiros jornais. O autor fala com certo desalento sobre a diferença entre a curiosidade das pessoas diante da veracidade de um fato banal noticiado na imprensa, e a indiferença em relação ao saber que vinha de longe, cuja validade estava na autoridade da tradição.

No entanto, apesar do clima de nostalgia do ensaísta, Gagnebin (2011, p.3), ao atualizar a fala de Benjamin, afirma que “hoje ainda, literatura e história enraízam-se no cuidado com o lembrar, seja para tentar reconstruir um passado que nos escapa, seja para resguardar alguma coisa da morte dentro da nossa frágil existência humana”.

Nessa perspectiva de considerável distanciamento temporal do texto de Benjamin, é necessário enxergar e pensar novas formas para lidar com as narrações que, por mais distintas, não são menos relevantes para as gerações atuais e para a construção do presente. O desenvolvimento das forças produtivas e da técnica pode redefinir os espaços narrativos das pessoas e mediar a troca de experiências de acordo com a realidade do momento. Não podemos permitir que as formas narrativas se percam definitivamente, pois as vozes dos sujeitos, fenômenos centrais na cultura (Bakhtin, 2003), têm sempre o que recordar e dizer, ainda que sejam recordações de experiências dolorosas e de resistência. É nisso que acreditamos acerca dos reassentados do Flor da Serra que, como o narrador de Benjamin, conheceram profundamente os lugares onde viviam antes da inundação. E, mesmo que as terras tenham sido inundadas, eles têm referências culturais nelas enraizadas cujas recordações são alentadoras. Ouvir aqueles que têm algo a narrar é uma das possibilidades de as narrativas não silenciarem. Gagnebin (2011, p.102) ressalta:

Não se trata de lembrar o passado, de torná-lo presente na memória para permanecer no registro da queixa, da acusação, da recriminação. [...] a respeito do passado, o esforço deve se transformar num gesto de explicitação, igualmente, a respeito do próprio presente.

Zumthor defende voz e performance a serviço de manifestações poéticas e de atualização de herança dos antepassados. Ele afirma que a capacidade de contar é “definidora do estatuto antropológico” e que “as lembranças, os sonhos, os mitos, as lendas, a história e tudo mais constituem, juntos, a maneira pela qual indivíduos e grupos tentam se situar no mundo”

(ZUMTHOR, 2010, p. 52). O autor defende a poética que considera o texto oral, ou melhor, a obra, formada de diversos planos de realização, entre eles o linguístico, o cultural e o acústico de forma interdisciplinar. Os textos pertencentes à poética oral são de alguma maneira universal graças à movência provocada por narradores de distintas épocas e localidades. Isso ratifica a universalidade do ato de manifestar saberes, práticas, experiências, pontos de vista e costumes por meio da voz, construída em uma sociedade histórica e geograficamente localizada.

Vale ressaltar que o medievalista prefere *vocalidade* a oralidade por evocar o caráter da totalidade, uma vez que a voz vai além de aspectos fisiológicos e biológicos. E, ao ser pronunciada pelo intérprete, ela atualiza a história sociocultural e simbólica de diferentes gerações de um povo. Zumthor (2014, p. 14) afirma que “a voz humana constitui em toda cultura um fenômeno central” cujo interesse transcende o plano científico. Além de ser o ponto de encontro com os antepassados, a voz é instrumento da memória coletiva em que diversos textos se entrecruzam e se metamorfoseiam, permanentemente. A palavra mediada pela voz se pronuncia cheia de força, prazer e também de poder em uma comunidade que, apesar dos ruídos da modernidade, consegue transmitir histórias que habitam a memória coletiva sobre o passado.

Outro aspecto relevante, segundo o autor, é que a oralidade não se reduz à ação da voz. Essa afirmação dialoga com a ideia artesanal de narrativa em Benjamin (2012, p. 239): “a verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito”. Ou seja, ambos os autores justificam a inserção do corpo, dos gestos, dos movimentos, das circunstâncias contextuais e ambientais, além da presentificação do tempo e do espaço – *hic et nunc* - no que o teórico suíço denominou performance. Segundo Zumthor (2014, p.53), “o acompanhamento gestual é fundamental em toda forma de literatura oral”. Além disso, na performance ocorrem a um só tempo e espaço a interpretação e a recepção, visto que a plateia é, em geral, coautora da obra em sua provisoriamente.

A genialidade do intérprete quanto à improvisação, ao ritmo e ao poder de eloquência, como também a perfeita interação com o texto e o público, tornam encantatória a performance. O ato performático sensibiliza e torna coeso o grupo que tem a mesma identidade e cujo momento é parte das vivências dos intérpretes que as fecundam e reforçam os próprios traços identitários. Por isso são importantes os momentos em que as pessoas suspendem o tempo utilitário para ouvir os narradores que atualizam e revigoram experiências e histórias do passado, enquanto alimentam a coragem de prosseguir a vida. Essa é uma experiência interessante no reassentamento Flor da Serra, pois quando um intérprete inicia a narrativa, os familiares de faixas etárias distintas se aproximam para ouvir e, algumas vezes, completam algum detalhe esquecido pelo narrador principal.

As palavras, as narrativas contadas com a ajuda de gestos, olhares, entonação de voz e silêncios, então, funcionam como força terapêutica que suaviza a dor e a nostalgia do que ficou para trás. Ao contar, narradores e interlocutores têm a oportunidade de aliviar a angústia, distrair-se e viver momentos de catarse. As narrativas, assim, são ferramentas de ancoragem na difícil travessia do passado para o presente. Vale ressaltar que, no reassentamento Flor da Serra, as narrativas registradas não são essencialmente tradicionais no sentido de movência de uma história que já pertence ao imaginário coletivo. Entretanto, ao narrarem recordações de experiências da terra de origem e o percurso de deslocamento e de fixação no reassentamento, os intérpretes compõem um quadro muito semelhante de narrativas. Então, esse se torna o repertório da comunidade que é atualizado cada vez que alguém se manifesta sobre a saída compulsória da terra de origem. É um traço identitário das famílias deslocadas.

Quanto à memória, Assmann (2011, p. 31) caracteriza-a como “*ars*” (arte) e “*vis*” (potência). A memória como “*arte*”, de acordo com a autora, está vinculada à capacidade que o ser humano tem de armazenar informações (em livros e computadores, por exemplo), decorar textos e ter acesso a eles por meio de técnica que pode ser aprendida e executada quando quiser. Já sobre “*vis*”, Assmann (2011, p.34) explica que “a palavra potência indica, nesse caso, que a memória deve ser compreendida como uma força imanente, como uma energia com leis próprias”. É a recordação como “*formadora de identidade*”. Esse aspecto está vinculado a experiências pessoais e sociais, que até podem ser ensinadas no convívio social, mas não de-

pendem de técnica nem de instrumentos digitais para o acesso livre. E é o conceito pertinente para este trabalho.

Para esses autores, existem práticas culturais diversas e vozes narrativas que transformam grupos de pessoas distintas em comunidades com referências identitárias definidas. É do repertório constituído que floresce a memória/recordação dos sujeitos, como as narrativas dos intérpretes do reassentamento Flor da Serra.

Metodologia

A pesquisa, ainda em andamento, é de caráter qualitativo e tem como abordagem a combinação história ou relatos de vida e observação na vida real. Fizemos essa opção, porque as pessoas que se deslocam em consequência da construção de grandes obras governamentais dificilmente conseguirão narrar algo que não esteja vinculado à situação difícil de quem saiu de maneira compulsória do lugar onde viveu por muito tempo. Marcados pela saudade e tristeza, as vivências mais significativas, para os intérpretes, ocorreram na terra de origem, mesmo que, na nova terra, eles tenham experiências interessantes também. E, diante dessa situação tão delicada, é preciso audição atenta, observação e compreensão dos pesquisadores ao compartilharem a subjetividade das pessoas por meio de suas narrativas.

Para a realização deste trabalho de registro de narrativas, foi relevante e necessário o processo de proximidade e familiarização que tem ocorrido, até o momento, com seis visitas realizadas. E na sequência, outras cinco aconteceram, previamente combinadas com a comunidade, quando foram ouvidos nove narradores, após pedido de autorização (TCLE), dos cinquenta previstos no projeto. A abordagem ocorreu de forma amistosa, com ótima recepção por parte dos entrevistados e, em alguns casos, de toda a família que nos recebeu embaixo de frondosas mangueiras, no quintal. Os participantes foram convidados a narrar experiências que os constituíram sujeitos históricos e socioculturais na terra de origem e também sobre o período do deslocamento para o reassentamento Flor da Serra.

Além do trabalho individual com nove moradores, sobretudo idosos, foram realizadas visitas às famílias da comunidade para maior contato e entendimento da realidade do lugar. Pois as narrativas, pensadas a partir de outras ocorrências e com o auxílio de conhecimentos prévios do local podem ser mais adequadas e coerentemente compreendidas. Na ocasião das visitas e de observações, o caderno de campo para anotações foi uma ferramenta muito relevante e necessária.

Vale ressaltar que fomos à comunidade em fins de semana, quando os moradores tiveram disponibilidade para receber-nos, e ficamos hospedados na escola da comunidade, previamente solicitada à direção. No colégio foram ouvidos dois moradores que preferiram ir onde estávamos para conversar. Outros nos receberam em casa, junto a familiares. Foram momentos de encontro e suspensão do tempo utilitário pela acolhida e escuta das narrativas. Uma vez, ficamos (três pesquisadores) hospedados na casa de uma família, com a qual combinamos previamente. Foi uma noite muito especial, pois a conversa fluiu de maneira bastante espontânea, durante e após o jantar, e os demais familiares participaram ativamente ao ouvirem e também complementarem as narrativas manifestadas. Pela proximidade contextual, tivemos mais chance de verificar as manifestações do ponto de vista dos sujeitos, em ambiente natural e, em atitude alteritária, tentar compreender de que perspectiva eles miram o mundo.

Os limites entre saberes, voz, gesto, poesia, corpo e identidade cultural são tênues quando o assunto está relacionado às poéticas orais, pois é difícil separá-los da rotina e do tempo utilitário. Além disso, é clara a consciência de que a memória do pesquisador é frágil, por isso justifica a captação de imagens em vídeo, fotografia e textos orais dos narradores por meio de câmera fotográfica e/ou celulares.

Quanto aos textos registrados em áudio e/ou vídeo, passaram pelo processo de transcrição, ou seja, a transposição da oralidade para a escrita. Para essa atividade, foram utilizadas normas e orientações de transcrição de Fávero (2000) e Manzini (2008), respeitados os objetivos da pesquisa relacionados ao repertório de narrativas dos moradores do reassentamento. Após transcritos, os textos têm passado pelo processo de compreensão a partir de autores

que abordam sobre memória/recordação, narrativas/poéticas orais, identidade e performance, principalmente Assmann (2011), Bakhtin (2004, 2003), Benjamin (2012) e Zumthor (2014, 2010), além de outras abordagens complementares, quando necessárias. A proposta é, no final, reunir os textos dos reassentados numa coletânea para devolver aos narradores, à comunidade e à escola do lugar.

Os moradores do reassentamento Flor da Serra e suas narrativas

Atualmente, milhões de pessoas têm sido obrigadas a desterritorializar-se (Haesbaert, 2006), seja por guerras, conflitos e perseguições de todo tipo. E os indivíduos que são compulsoriamente deslocados de suas terras por causa da construção de grandes obras são também milhões. Segundo Dieter Gawora¹, “entre 40 e 80 milhões de pessoas foram fisicamente deslocadas por barragens em todo o mundo”, conforme relatório da Comissão Mundial de Barragens (CMB). E Joceli Andrioli (2019)², da coordenação nacional do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB) esclarece: “estima-se que mais de 1,3 milhão de pessoas tenham sido prejudicadas pela construção de barragens e hidrelétricas brasileiras nos últimos 30 anos. ‘Este número, contudo, é controverso e reivindicamos ao governo um levantamento completo do problema’”.

Nóbrega (2011) comenta que as populações mais vulneráveis são também as maiores vítimas dos deslocamentos. Suas histórias constituídas no lugar e seus bens materiais e imateriais são impactados severamente, embora muitos grupos se organizem para resistir. Atingidos, se reconhecem como sujeitos capazes de lutar pelos direitos, ainda que não sejam atendidos no pedido principal que é permanecer no próprio local de onde não gostariam nem tinham intenção de sair.

Em todo o mundo, há experiências significativas de resistência de povos e comunidades ameaçados e atingidos, que em suas mobilizações denunciam a violência das estratégias de desenvolvimento adotadas, especialmente no que se refere aos deslocamentos compulsórios, e reivindicam o respeito aos direitos já reconhecidos e até mesmo demandam novos direitos, como é o caso da categoria de “refugiados do desenvolvimento”. (NÓBREGA, 2011, p. 140).

Focadas no próprio lucro, sob a alegação de promover desenvolvimento econômico para o país, grandes corporações internacionais e nacionais, responsáveis pela construção de hidrelétricas, pouco ou nada fazem pelos atingidos os quais, em geral, são de classe social baixa. Muitas pessoas, inclusive, sequer são indenizadas. Essa situação é explicada por Andrioli (2019), “não há, no país, uma política nacional de tratamento dos direitos das populações atingidas por barragens”.

E “aquelas que foram reassentadas raramente tiveram seus meios de subsistência restaurados, pois os programas de reassentamento em geral concentram-se na mudança física, excluindo a recuperação econômica e **social** dos deslocados” (CMB, s/d, p.8, negrito nosso). Isso significa que as referências culturais e simbólicas, intrínsecas a todo ser humano, que os cidadãos construíram como sua identidade, são ignoradas no processo de deslocamento compulsório. Isso aconteceu com os moradores do reassentamento Flor da Serra que fazem parte da estatística de deslocados compulsoriamente para dar lugar a barragens hidrelétricas. Além de perderem bens materiais como vazantes férteis e abundância de peixes, eles perderam, sobretudo, bens imateriais, como a amizade de vizinhos, o modo/condição de plantar e colher, o canto e a transparência das águas, enfim, todas as experiências realizadas no local onde viveram durante anos e, por isso, era um espaço historicizado por práticas culturais identitárias do grupo.

1 Disponível em: [https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/41/Comissao%20Mundial%20de %20 Barra gens%20CMB.pdf](https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/41/Comissao%20Mundial%20de%20Barra%20gens%20CMB.pdf). Acesso em: 30 de jan. de 2017.

2 Disponível em: <https://www.ana.gov.br/noticias-antigas/atingidos-por-barragens-preparam-mobiliza- assapso. 2019-03-15.9794299175>. Acesso em: 16 de ago. de 2019.

De acordo com Themag (1998, apud BATISTA, 2009, p. 15), os moradores do Flor da Serra são definidos como “reassentados ou relocados que viviam na área atingida pela hidrelétrica e seu reservatório, integrando famílias de pequenos produtores rurais proprietários, posseiros ou ocupantes que desenvolviam como atividade principal a agricultura e/ou pecuária em estabelecimentos com até 80 ha”.

Segundo Batista (2009), a maioria das famílias do reassentamento Flor da Serra morava na zona rural, em ambiente natural próximo a rios dos quais dependiam para a sobrevivência. Eram pessoas que, posseiras, proprietárias ou empregadas, viviam no local havia muitos anos e cuidavam do próprio sustento. Conforme Aguiar (2013, p. 7), “o acesso aos bens da natureza como terra, água, floresta, sementes, alimentos, trabalho e cultura garantem aprendizagens fundamentais, que possibilitam a sustentabilidade”. Inúmeras famílias permaneceram por mais de 70 anos no mesmo lugar, o que significa a construção de referências culturais simbólicas ligadas a várias gerações. Por isso é natural, por exemplo, que muitos deles participassem de festas religiosas e tradicionais como algo inerente à identidade cultural. Ou ainda tivessem um jeito peculiar de lavar a terra ou de pescar.

De fato, são saberes que giram em torno do aspecto econômico-social vinculado ao cultivo tradicional, mas o extrapolam, já que compõem as referências culturais identitárias desses atores sociais. Mas para a continuidade desse tipo de tradição, as pessoas precisam ter proximidade e confiança nos pares com os quais praticam a atividade de maneira natural e espontânea.

Batista (2009) afirma que, embora em alguns aspectos tenha havido mudanças positivas, na maioria deles os reassentados tiveram prejuízo, inclusive econômico, ao saírem do local onde viviam. Chamamos atenção, sobretudo, para a desagregação quanto às manifestações narrativas e poético-culturais. Porque, sem o espaço costumeiro e sem os atores que comunguem de crenças, valores e elementos culturais semelhantes, as manifestações simbólicas e tradicionais não são atualizadas e correm o risco de ser esquecidas. Sobre isso, Batista (2009, p. 145) afirma que:

Os laços da comunidade no reassentamento não são tão fortes como outrora, pois as pessoas vieram de lugares distintos e, de forma geral, não se conheciam. A convivência com os novos vizinhos foi, de certa maneira, algo imposto, e a estranheza do início ainda perdura. E isso se reflete nas atividades coletivas, principalmente entre os adultos e idosos, fazendo com que sejam esporádicas ou nem aconteçam.

Localizado na zona rural, a 20 Km de Porto Nacional e cerca de 90 Km de Palmas, capital do Tocantins, o reassentamento Flor da Serra possui uma área de 1.603 hectares, distribuída, inicialmente, em 49 lotes que foram ocupados em 2000. Os moradores saíram de distintos lugares alcançados pelas águas da represa da hidrelétrica. Segundo Batista (2009, p. 111):

As famílias foram remanejadas de áreas ribeirinhas dos municípios de Porto Nacional e Brejinho de Nazaré: fazendas Corredor, Landi, Cachimbo e Lagoinha; chácaras Santa Izabel, Morro Alegre, Portinho e Bela Vista; regiões Matança, Pedrinhas, Carreira Comprida, Retiro e Pinheirópolis; área urbana da Vila Nova e Draga (apenas duas famílias reassentadas moravam na zona urbana, em Porto Nacional).

Essas pessoas deixaram o lugar onde viveram e no qual plantavam, colhiam, se divertiam, rezavam, cantavam, celebravam e faziam tantas outras atividades culturais que, com a frequência das repetições, passaram a ser suas referências simbólicas e identitárias. Por isso elas sentem falta de muitos aspectos como a ação de plantar de maneira coletiva, as pescarias e a comemoração da festa do Divino, por exemplo. Essas ausências refletem na difícil tarefa de

construir redes narrativas, ferramenta essencial para manter as tradições (BENJAMIN, 2012; ZUMTHOR, 2014). Muitos moradores, que seguem no reassentamento, se esforçam para reinventarem saberes e práticas econômicas e culturais, após duas décadas do deslocamento compulsório. E na socialização de recordações, eles vão se organizando e entendendo que é preciso seguir em frente, evidentemente ligados ao passado que é parte representativa do repertório deles e da necessidade de continuidade e não de ruptura, pois “Alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado”. (BAKHTIN, 2003, p. 326).

As narrativas registradas abordam elementos que os informantes julgam importantes, desde aspectos econômicos a expressões culturais; de situações dolorosas a relações de afeto com as pessoas e o lugar onde viviam. Essa realidade remete ao que Benjamin (2012) afirmou que os narradores contavam a partir das experiências da própria vida e, se é assim, esse aspecto continua a vigorar nos narradores atuais do reassentamento que, como o narrador sedentário benjaminiano, conhecem muito bem o lugar onde viviam.

No trecho a seguir, o morador, já idoso, comenta sobre a tristeza que abateu sobre ele no dia da mudança da fazenda onde morava. E como ainda permanece meio perdido, no sentido de confuso, ao viver no reassentamento. A fala é um lamento de dor e evidencia que o deslocamento foi uma experiência profundamente negativa para ele.

Pra mim foi a pior tristeza do mundo né, de sair do lugar da gente ter nascido e criado. Foi a pior tristeza. Eu alembro até do dia que nós mudemo de lá. Eu sei que foi, parece que foi no dia quatro de Janeiro. Não sei a era mais que não to alembado. Foi 2001, parece. Já tinha marcado pra esse dia, já tava tudo arrumado, os trem já tudo no meio do terrero. Aí viemo bater aqui nesse lugar (o reassentamento Flor da Serra). Foi a maior tristeza pra mim. Eu nunca aprumei aqui. Sabe por quê? Toda vida perdido aqui. Eu fiquei perdido aqui toda vida. (ROCHA, 23/07/2017).

A voz, carregada de subjetividade das recordações do passado, demonstra muito sofrimento. Ao recordar a difícil ação de deixar a terra em que nasceu e viveu durante décadas, ele revela perdas do que foi deixado para trás e também desencontro no local para onde fora levado e se sentiu perdido pela ausência do contexto (espaço) cultural que o formou sujeito. Mesmo assim, ao manifestar-se, esse intérprete atualiza o que foi vivido e, a partir das situações do presente, o material recuperado é atualizado e ressignificado, inclusive pela carga emocional que impacta o público ouvinte. “O passado sempre está relacionado com os projetos identitários, com as interpretações do presente e as pretensões de validade” (ASSMANN, 2011, p. 91). Ou seja, ao narrar de maneira eloquente, ele seduz a plateia a acreditar na sua história e na sua dor que persiste.

No trecho a seguir, também Rocha (2017) fala sobre as roças de toco, a fartura e a fertilidade da terra onde morava para enfatizar que nem no aspecto econômico o deslocamento valeu a pena. Atualmente, embora se sinta forte o suficiente para trabalhar, ele não planta por causa da infertilidade da terra que recebeu e por falta de recursos e de conhecimentos técnicos para uso de fertilizantes. Diante disso, não seria a imobilidade laboral a causa da sensação de estar perdido?

Lá a minha vida era de roça. Toda vida mexendo com roça. Roça de toco, que a gente fala que é roçar. Derrubava de machado. Porque lá não tinha esse negócio de terra gradeada não. Toda vida foi assim. Plantava o que precisava ali, na roça. Mexia na vazante, na beira do rio, no verão. Tocava a minha vida era assim. Eu plantava o arroz, o milho, a mandioca, feijão. Agora na vazante, de verdura, era: abóbora, melancia, quiabo, maxixe, jiló, pimentão. Tudo plantava. (ROCHA, 23/07/2017).

O sentimento de tristeza e de impotência também fica muito evidente nessa manifestação do intérprete Soares (2018) e demonstra que é um aspecto comum entre os moradores, sobretudo os que têm idade mais avançada.

Difícil, né, saudade não acaba nunca [] Porque lá, lá além de que nós vivia libertado, e outra, que o Tocantins (rio) era livre e num tinha esse impedimento que tem hoje. É, o rio era normal. Quando era no verão a gente tinha muita fartura de vazante, peixe e tudo mais. Hoje acabou. Aqui, se quiser comer um peixe, tem que comprar. Vai pescar num lago é tanta imponência, é Naturatins, é num sei quem, é num sei quem, não é?! Então, acabou toda alegria. (SOARES, 29/04/18).

Chama atenção nesse trecho a ideia de falta de liberdade, vinculada às pessoas. Na terra de origem, a família era livre para plantar em qualquer época do ano, sobretudo no verão, por causa da vazante instaurada pelo rio Tocantins que, além de extenso, é volumoso e perene. Essa realidade é compartilhada por outros narradores. Já a ausência de liberdade vinculada ao rio relaciona-se a normas, protocolos e fiscalizações ambientais que proíbem pesca durante o tempo da piracema³. Entretanto, para um ribeirinho que vivia geográfica e socialmente distante da capital e que pescava para o próprio sustento, o rio “era normal”, ou seja, estava sempre à disposição, porque não havia fiscalização no lugar. Já no reassentamento, além de estarem distantes do rio, os pescadores precisam se cadastrar para receber a carteirinha da associação que determina obediência às exigências dos órgãos reguladores. Então, a quem era livre para plantar e pescar, a privação dessas atividades e a necessidade de comprar o que antes era de graça, corroeu a alegria de outrora e se transformou em tormento e recordações.

Vale ressaltar que, segundo C. Xavier (2018), esse narrador, Soares (2018) era uma pessoa alegre e tinha o costume de ser acompanhado pelos netos com os quais brincava e aos quais ensinava tarefas do cotidiano rural como colher frutas nas árvores do Cerrado, plantar, pescar e nadar no rio. Entretanto, no reassentamento, o narrador e a esposa são mantidos pela aposentadoria, embora ele ainda tenha disposição física para a lavoura da terra, não o faz por causa das dificuldades mencionadas. Esse narrador consentiu em participar da conversa, entretanto, as falas foram entrecortadas de silêncios. Inclusive foi necessário abreviar o tempo da entrevista ao notar aparente desconforto ao falar da situação. Mas ao manifestar-se em pequenos trechos, ele o fez com palavras diretas e marcantes sobre a alteração do curso da sua vida, como o fragmento citado. A atitude de silenciamento e as frases enfáticas e pontuais remetem ao que Assmann (2011) afirma que a recordação é acompanhada pela memória seletiva e o esquecimento voluntário, muitas vezes motivados pelo sofrimento.

A seguir, o intérprete P. Xavier aborda sobre o mesmo assunto ligado ao cultivo da terra e expressa a necessidade de reinventar-se, readaptar-se, ou melhor, revigorar o evento cultural da terra de origem no lugar onde foi reterritorializado (HAESBAERT, 2006). E chama a atenção para a restrição de água que causa maior dificuldade, uma vez que toda a família vivia em uma fazenda cortada por córregos, como o Landir, e à beira do rio Tocantins. A abundância de água era sinônimo de fartura de alimentos, porque, pela umidade da terra nas margens dos rios ou vazantes, era possível plantar durante o ano inteiro e sem necessidade de fertilizantes. Essa era a cultura daquelas famílias, modelada pelo contato produtivo e harmonioso entre pessoas, água e terra fecunda. Já no reassentamento, além de todas as dificuldades, acrescenta-se também o aparecimento de pragas e a necessidade do uso de inseticidas sem conhecimento prévio.

³ Piracema é o movimento de migração dos peixes durante o período reprodutivo, no qual eles deslocam-se do sítio de alimentação até o lugar onde realizam a desova. [...] Outro obstáculo a ser transposto é o da pesca predatória. Diante disso, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) publica portarias estabelecendo as espécies que não podem ser pescadas nesse período, além da quantidade e tamanhos permitidos para a pesca de outras espécies. A pesca somente é permitida para pescadores amadores com a utilização de varas com molinetes ou caniço simples e seguindo o que foi determinado na portaria do Ibama. Disponível em: <https://www.biologia.net/zoologia/piracema.htm>. Acesso em: 13 out. de 2020.

Eu tive que desenvolver os trabalho, porque lá a gente – a vida da gente era um tipo de coisa e aqui já é mais de três tipo de coisa. Porque lá, a cultura nossa, a terra lá era uma terra fértil, a gente produzia, não tinha verão, não tinha inverno, a gente tinha todos alimento tranquilo, né? Então, hoje, a gente aqui tem que sofrer demais pra poder chegar em algum objetivo porque se chama a maior dificuldade aqui é o que foi falado aí: água. Né? Porque é a maior dificuldade que a gente teve. (P. XAVIER, 23/07/2017).

Esse morador entende que o jeito peculiar que os familiares plantavam na terra de origem é cultura que foi constituída por eles. E esclarece que a fertilidade natural do solo dispensava produtos químicos, por isso, no trecho a seguir, a mãe dele desconhecia adubo químico, necessário, se quisesse ter sucesso em algum tipo de plantação. Mas por ser mais jovem, ele tem força e ânimo para reinventar práticas no reassentamento. No entanto, mesmo com a condição de reaprender, mudar e de apoiar a família, esse narrador gosta mesmo é de pescar. E se nega a permanecer por longo período contínuo no Flor da Serra, pois ele não consegue viver no local pela falta que sente da fazenda onde vivia antes.

E a cultura nossa era de nós derribar nossa roça, queimava e nós prantava. Mas a terra que ela é queimada, que é cultura, é um fôculo, cê num precisa de adubo. Minha mãe com 60 ano, cê ia falar pra ela dum adubo, ela ia dizer assim no mínimo “onde é que tá esse esterco, vamo a buscar”. Ela não sabia o que era esse adubo químico, entendeu? Então a gente chegou aqui e apanhou demais com esses problema. (P. XAVIER, 23/07/2017).

Ao referir-se a “nós”, ele reforça a importância de ser social, geográfica e historicamente integrado em uma comunidade para tecer, de forma dialógica, os enunciados que organizam o repertório cultural transformador em vida e também em recordações. “Todo o verbal no comportamento do homem de maneira nenhuma pode ser creditada a um sujeito singular tomado isoladamente, pois não pertence a ele, mas sim ao seu grupo social” (BAKHTIN, 2004, p. 86). O intérprete se posiciona como testemunha de um legado que foi aprendido com os antepassados e se transformou em prática cultural coletiva. Ao se instalar no reassentamento, eles precisaram “apanhar demais”, ou seja, aprender errando várias vezes até ter sucesso em novas estratégias e práticas de cultivo, embora a base esteja nas aprendizagens de outrora.

A fala a seguir é de outro intérprete que reforça o caráter comunitário na constituição das experiências laborais e subjetivas na terra de origem como um texto coletivo. Segundo Zumthor (2010, p.276) “o texto oral [...] constitui um bem comum no grupo social em que é produzido”.

Nós lá era igual aqui ó: nós morava tudo junto. Era o puleirinho lá, da família! Aí quando ia para a roça, ia todo mundo junto. Aí nós brocava, derrubava, queimava, secava. Bom, dividia, cada quem tinha seus pedaços, mas nós trabalhava em grupo. Entendeu? Todo mundo junto. Tava na nossa aqui, amanhã tava na do outro. Era assim. Nós colhia do mesmo jeito. (OLIVEIRA, 29/04/2018).

O trabalho em mutirão, relevante experiência comunitária, estreitava os laços familiares e de convivência social como coesão do grupo, fortalecido pelas performances na labuta com práticas agrícolas que os identificavam. Os atos performáticos alimentam a proximidade e materialidade identitária das pessoas em relação de cumplicidade e transforma o utilitário

e o entretenimento em um só tempo, uma vez que se sobrepõem. Reunir-se em mutirão é encontrar o outro, aprender com ele, ouvi-lo e sentir-se útil como outro também. Enfim, é lugar privilegiado de intercâmbio de subjetividades, experiências e narrativas definidoras da identidade do grupo.

A seguir, a voz de outro narrador é uma apologia ao córrego Landir que ele conhecia muito bem, pois era lugar de diversão da meninada da fazenda. Ele era criança na época em que a família fora retirada da terra, às margens do rio Tocantins. O diminutivo utilizado reiteradas vezes transborda afetividade e poesia. O intérprete afirma que, mesmo após a inundação, é capaz de localizar o leito do córrego, porque o conhecia muito bem. Isso é resultado de experiências vividas de forma intensa que, de acordo com Assmann (2011), é a potência da recordação formadora de identidade. Essa familiaridade com os rios, no período da infância, marcou de maneira afetiva o narrador, reforçando a importância do espaço e tempo na constituição do sujeito, historicamente situado.

Lá (na fazenda Landir, perto do rio), nessa época, a barragem ainda não tinha atingido. Eu me lembro que o rio Tocantins cruzava com o corguinho que a gente buscava água e ia tomar banho à tarde, que era o rio Landir. Esse corguinho tinha a água tão transparente que podia ver qualquer coisa que jogasse nele. A água era bem transparente e corrente mesmo. E foi tudo submerso. Só nós conhece lá e sabe distinguir o leito do corguim e as margens. (C. XAVIER, 23/07/17).

E, para finalizar, o trecho seguinte revela a mudança que ocorreu quanto ao comportamento em relação às narrativas ficcionais.

É, não tinha televisão, reunia contava as histórias pra mininaia tudo, contava histórias e os meninos tudo ouvia, e hoje em dia os meninos chegam aqui e quando é boca da noite todo mundo televisão, quando é de dia tudo corre pra televisão, aí não tem como contar historinhas pra eles. (XAVIER, 29/04/2018).

A intérprete descreve a receptividade das crianças às histórias no lugar em que viviam antes e não havia sinal de televisão: todos se reuniam e a ouviam contar. Já no reassentamento, essa prática não mais ocorre, pois a TV, no centro da sala, ocupou o lugar da avó, no terreiro. Entretanto, há algo que chama atenção: é que as pessoas continuam a se entreter com as narrativas, sejam contadas ao vivo ou via aparelho televisivo. E, no Flor da Serra, quando os narradores ativam as recordações sobre seus epopeicos deslocamentos, geralmente não há divisão entre idosos, adultos, jovens e crianças – todos ficam atentos às vozes dos intérpretes cujas histórias, semelhantes às de outros moradores do local, já estão se tornando pertencentes a toda a comunidade. Isso é uma esperança de futuro em torno da voz narrativa como sopro criador e disseminador de sementes de alegrias, de novas aprendizagens, encontros, convivência harmoniosa e mais histórias.

Considerações Finais

Os intérpretes demonstraram saudades ao narrar histórias de experiências comuns na terra de origem, especialmente a respeito das práticas de plantar sementes e de reunir os familiares em mutirão para semear, lavrar a terra e colher os frutos. Contudo, a manifestação da voz em torno dos saberes construídos, outrora, demonstra ser uma forma de aliviar os sentimentos de tristeza e frustração por meio de efeito catártico sobre assuntos que pesam tanto para eles. Então, as recordações ativam narrativas expressas com palavras, gestos corporais e silêncios performáticos e se tornam ancoragem para os sentimentos que atualizam as expressões mais representativas e simbólicas para os intérpretes que foram obrigados a saírem das

terras onde viveram muito tempo. As manifestações narrativas materializam a longa travessia como reassentados, de uma terra para outra, do passado ao presente, das sementes férteis às recordações.

Referências

AGUIAR, Maria Virginia de Almeida; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer de; LIMA, Jorge Roberto Tavares de. (et al.). **I Seminário de Educação em Agroecologia: construindo princípios e diretrizes**. 2-4 de julho de 2013. Editora Universitária da UFRPE: Recife-PE.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Freudismo**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva: 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Martins Fontes: 2003.

BATISTA, Eloisa Arminda Duarte. **A ecomposição do modo de vida nos reassentamentos rurais do setor elétrico: estudo comparativo entre Flor da Serra e São Francisco de Assis (Estado do Tocantins)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Tocantins/UFT, Palmas, 2009. 231 p.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213-240.

Comissão Mundial de Barragens (CMB). Disponível em: https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsub_sites/upload/41/Comissao%20Mundial%20de%20Barragens%20CMB.pdf. Acesso em: 13 fev. de 2017.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MANZINI, Eduardo José Manzini. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: **Livre-docência**. Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, FFC - UNESP, Brasil. **A entrevista na pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise**, 2008.

NÓBREGA, Renata da Silva. Os atingidos por barragem: refugiados de uma guerra desconhecida. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 36, n. 19, p.125-143, jan./jun. 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Fontes Orais:

C.XAVIER, L. Registro realizado no reassentamento Flor da Serra em 22 jul. 2017 e 28 abr. 2018.

OLIVEIRA, J.C. de. Registro realizado no reassentamento Flor da Serra em 22 jul. 2017.

OLIVEIRA, G.C. de. Registro realizado no reassentamento Flor da Serra em 23 jul. 2017.

P. XAVIER, L. Registro realizado no reassentamento Flor da Serra em 22 jul.2017 e 28 abr. 2018.

REIS, R. D. dos. Registro realizado no reassentamento Flor da Serra em 23 jul. 2017.

ROCHA, T.F. da. Registro realizado no reassentamento Flor da Serra em 22 jul. 2017.

SOARES, D.F. Registro realizado no reassentamento Flor da Serra em 29 abr. 2018.

XAVIER, M.P. Registro realizado no reassentamento Flor da Serra em 29 abr. 2018.

Recebido em 23 de setembro de 2020.

Aceito em 28 de setembro de 2020.